

Helena P. Blavatsky sobre O TRIÂNGULO PITAGÓRICO

TRECHO DO ARTIGO “DEUSES, MÔNADAS E ÁTOMOS”

A doutrina Secreta, VOL. II. SEÇÃO XIV. PÁGINA 322. Editora Pensamento.

O trecho acima vai da página 324 até 327.

Na edição original em inglês: *The Secret Doctrine*, Vol. I, p. 612-615



O TRIÂNGULO PITAGÓRICO

A Teofilosofia se move em um campo muito mais amplo. Desde o início dos séculos – no tempo e no espaço, em nossa Ronda e em nosso Globo – os mistérios da Natureza (pelo menos os que às nossas Raças é permitido conhecer) foram classificados e inscritos pelos discípulos daqueles "Homens Celestes" (agora invisíveis) em figuras geométricas e símbolos. As chaves que podiam decifrá-los foram transmitidas de uma a outra geração de "Sábios". Alguns símbolos passaram assim do Oriente para o Ocidente, trazidos por Pitágoras, que não foi o inventor do famoso "Triângulo" que tem o seu nome. Esta figura geométrica, o quadrado e o círculo representam descrições da ordem em que se processou a evolução do Universo, espiritual, psíquica e fisicamente, descrições que são muito mais eloquentes e científicas que volumes inteiros de Cosmogonia descritiva e de "Gêneses" reveladas. Os *dez Pontos* inscritos no "Triângulo Pitagórico" valem por rodas as teogonias e angelologias já concebidas pelos cérebros teológicos. Aquele que souber interpretar os dezessete pontos (inclusive os sete Pontos Matemáticos ocultos) – tais como ali estão e na ordem indicada – encontrará neles a série ininterrupta das genealogias, desde o primeiro Homem *Celeste* até o homem *terrestre*. E, assim como eles dão a ordem dos Seres, revelam também a ordem em que se desenvolveram o Cosmos, a nossa Terra e os Elementos Primordiais de que se originou esta última. Engendradora nos "Abismos" invisíveis e na Matriz da mesma Mãe, como seus companheiros, quem dominar os mistérios da nossa Terra terá dominado os de todos os demais Globos.

Seja o que for que a ignorância, o orgulho e o fanatismo possam argumentar em contrário, não é difícil demonstrar que a Cosmogonia Esotérica está inseparavelmente ligada tanto à filosofia como à Ciência moderna. Os Deuses e as Mônadas dos antigos – de Pitágoras a Leibnitz – e os Átomos das escolas materialistas de hoje (que os foram buscar nas teorias dos antigos atomistas gregos) são apenas unidades compostas ou formam uma unidade graduada, como a estrutura humana, que principia com o corpo e termina com o Espírito. Nas Ciências Ocultas podem-se estudar

separadamente; mas nunca será possível aprofundar esse estudo, a não ser considerando-os em suas mútuas correlações, durante o seu ciclo de vida, e como uma Unidade Universal durante os *Pralayas*. ...

A Filosofia, ... no entanto, nunca poderia formar o conceito de uma Divindade lógica, universal e absoluta, se não houvesse, no interior do Círculo, nenhum Ponto Matemático em que basear suas especulações. Somente o Ponto manifestado, perdido para os nossos sentidos após o seu aparecimento pré-genético no infinito e no *incognoscível* do Círculo, torna possível a conciliação da Filosofia com a Teologia - sob a condição de que esta última abandone seus grosseiros dogmas materialistas. E foi precisamente por haver a Teologia cristã renegado tão imprudentemente a Mônada Pitagórica e as figuras geométricas, que ela teve de recorrer àquele seu Deus humano e pessoal criado por si mesmo, a Cabeça monstruosa de onde fluem, em duas correntes, os dogmas da Salvação e da Condenação. Tanto isso é verdade que até os sacerdotes que, sendo maçons, desejariam ser filósofos atribuíram, em suas interpretações arbitrárias, aos sábios antigos a paternidade da estranha ideia de que "A Mônada representava [para eles] o trono da Divindade onipotente, colocado no centro do Empíreo para indicar G. A. D. U. [leia-se "o Grande Arquiteto do Universo"]". É uma curiosa explicação, mais de caráter maçônico que estritamente pitagórico.

O "Hierograma em um Círculo, ou Triângulo equilátero", nunca significou tampouco "o símbolo da unidade da Essência divina", pois que esta era simbolizada pelo plano do Círculo ilimitado. O que realmente significava aquele Triângulo era a Natureza trina co-igual da primeira Substância diferenciada, ou a *consustancialidade* do Espírito (manifestado), da Matéria e do Universo — "Filho" dos dois - que procede do Ponto, o LOGOS esotérico real ou MÔNADA Pitagórica. A palavra grega Monas significa "Unidade", em seu sentido primário. Os que são incapazes de discernir a diferença entre a Mônada – Unidade Universal – e as *Mônadas* – Unidade manifestada –, como também a que existe entre o Logos sempre oculto e o LOGOS revelado, ou *Verbo*, nunca deviam ocupar-se de filosofia, e muito menos de ciências esotéricas. Não é necessário recordar ao leitor culto a tese desenvolvida por Kant para demonstrar a sua segunda *Antinomia* (4). Os que a tiverem lido e compreendido verão claramente a linha divisória que traçamos entre o Universo *absolutamente ideal* e o Cosmos invisível, porém manifestado. Nem a Filosofia Esotérica, nem Kant, para nada dizer de Leibnitz, admitiriam jamais que a extensão possa compor-se de partes simples ou inextensas. Mas os filósofos da teologia não querem compreender isso. O Círculo e o Ponto - este último afastando-se dentro do primeiro e com ele se fundindo depois de produzir os três primeiros Pontos e de uni-los com linhas, formando assim a primeira base numênica do Segundo Triângulo no Mundo Manifestado — constituíram sempre um obstáculo insuperável aos voos teológicos nos empíreos dogmáticos. Com base na autoridade deste símbolo arcaico, um Deus masculino, pessoal, *Criador e Pai* de todas as coisas, converte-se em uma emanção de terceira ordem, a Sefhira, que ocupa o *quarto* lugar, de cima para baixo e à esquerda de Ain Soph (na *Árvore da Vida cabalística*). Fica assim a Mônada rebaixada à condição de um Veículo — um "Trono"!

A Mônada – emanção e reflexo tão-somente do Ponto, ou Logos, no Mundo fenomenal – torna-se, como *ápice* do Triângulo equilátero, manifestado, o "Pai". A linha ou lado esquerdo é a *Díada*, a "Mãe", considerada como o princípio mau, oposto (5); o lado direito representa o "Filho", "Esposo de sua Mãe", uno com o *ápice*, em *todas* as cosmogonias; a base é o plano material da Natureza

produtora, que unifica, no plano fenomenal, Pai-Mãe-Filho, assim como estes se acham unificados pelo *ápice* no Mundo supra-sensível.⁽⁶⁾ Por transmutação mística, eles se converteram no Quaternário: o Triângulo passou a ser a TETRAKTIS.

Essa aplicação transcendental da geometria à teogonia cósmica e divina – o Alfa e o Ômega da concepção mística – foi depreciada por Aristóteles, depois de Pitágoras. Omitindo o Ponto e o Círculo, e não levando em conta o *ápice*, reduziu ele o valor metafísico da ideia, limitando assim a doutrina da extensão a uma simples TRIÁDE: a *linha*, a *superfície* e o *corpo*. Seus herdeiros modernos, que brincam de Idealismo, interpretaram estas três figuras geométricas como Espaço, Força e Matéria: "as potências de uma Unidade que atua sobre todas as coisas". A ciência materialista, que só percebe a linha-base do Triângulo *manifestado* – o plano da Matéria – as interpreta praticamente como (Pai) MATÉRIA, (Mãe) MATÉRIA e (Filho) MATÉRIA, e teoricamente como Matéria, Força e Correlação.

Mas para a generalidade dos físicos, conforme observou um cabalista, "O Espaço, a Força e a Matéria têm o mesmo valor que os signos algébricos para o matemático: são símbolos meramente convencionais; [ou] a Força, como Força, e a Matéria, como Matéria, são tão absolutamente incognoscíveis quanto o é o suposto espaço vazio em que também supostamente atuam." ⁽⁷⁾ Os símbolos representam abstrações, e sobre estas "Baseia o físico hipóteses, racionais acerca da origem das coisas... e vê três necessidades para o que ele chama criação: (a) Um lugar onde criar. (b) Um meio para poder criar. (c) Um material com que criar. E dando expressão lógica a esta hipótese, com os termos Espaço, Força e Matéria, acredita haver provado a existência do que representa cada uma dessas palavras, tal como ele o concebe." ⁽⁸⁾

O físico que considera o Espaço como simples representação de nossa mente, ou como extensão sem nenhuma relação com as coisas nele contidas, e que Locke define como incapaz de resistência e de movimento; e o materialista paradoxal que desejaria ter o *vácuo* ali onde ele não pode ver matéria - repudiariam com superior desprezo a proposição de que o Espaço seja "Uma Entidade substancial vivente, ainda que [aparente e absolutamente] incognoscível." ⁽⁹⁾ Tal é, contudo, o ensinamento cabalístico e também o da Filosofia Arcaica. O Espaço é o mundo real, ao passo que o nosso é um mundo artificial. É a Unidade Única em toda a sua extensão infinita; em seus abismos sem fundo, como em sua superfície ilusória, superfície pontilhada de inumeráveis Universos fenomenais, de Sistemas e de Mundos à semelhança de miragens. Mas, para o ocultista oriental, que no fundo é um idealista objetivo, existe no Mundo *real*, que é uma Unidade de Forças, "uma conexão de toda a Matéria no *Plenum*", como diria Leibnitz. E isto se acha simbolizado no Triângulo Pitagórico.

Notas

(4) Kant, *Crítica da Razão Pura*, tradução de Barni, II, 54. (Nota da Ed. Adyar: Veja-se também a tradução de J. M. D. Meiklejohn, p. 271: "Toda substância composta, neste mundo, consiste em partes simples; e não existe coisa alguma que não seja ou simples ou composta de partes simples".)

(5) Plutarco, *De Placitis Philosophorum*.

(6) Nas igrejas grega e latina – que consideram o matrimônio como um dos sacramentos –, o sacerdote que oficia na cerimônia nupcial representa o vértice do *triângulo*; a noiva, o lado esquerdo ou feminino; e o

noivo, o lado direito; sendo a linha de base simbolizada pela fila de testemunhas e convidados. Mais atrás do sacerdote está o Sanctum Sanctorum, com seu misterioso conteúdo e sua significação simbólica, e no qual só os sacerdotes consagrados devem entrar. Nos primeiros tempos do Cristianismo a cerimônia matrimonial constituía um mistério e um verdadeiro símbolo. Hoje as próprias Igrejas perderam o verdadeiro significado deste simbolismo.

(7) *New Aspects of Life and Religion*, por Henry Pratt, M.D., p . 7, Ed. 1886.

(8) *Ibid.*, pp. 7 e 8.

(9) *Ibid.* , p. 8.